

O ÓRGÃO DA FREGUESIA DE NOSSA SENHORA D'APARECIDA DE CÓRREGOS: RENASCE DAS CINZAS, REVELANDO UMA HISTÓRIA FANTÁSTICA.

Handel Cecilio*

RESUMO: Durante muitos anos esquecido e abandonado, o órgão da Igreja Matriz de Nossa Senhora Aparecida no Distrito de Córregos em Minas Gerais, ressurgiu para nos revelar segredos, informações históricas e de organaria até então ignoradas. Uma história intrigante une os instrumentos de Córregos e o da Igreja do Carmo de Diamantina; somente 57 anos depois vem a luz mostrando o órgão de Diamantina sob uma nova ótica. Este trabalho é resultado de nossas pesquisas de mestrado pela UNICAMP sob a orientação do Dr. Edmundo HORA.

PALAVRAS-CHAVE: Órgão de tubos; Reforma de 1940; Cidade de Diamantina; Distrito de Córregos; Organaria setecentista.

ABSTRACT: Long forgotten and abandoned, the organ from Parish Church of Our Lady Aparecida in the District of Córregos in Minas Gerais, reappears revealing old secrets and historic informations about the organ construction ignored at the time. An intriguing history links the instrument of Córregos to the one from Church of the Carmo in Diamantina and only after 57 years later this story comes to light and the organ of Diamantina is presented on a different light. This work results from a Master's research Unicamp University.

KEYWORDS: Pipe organ. Reform of 1940; City of Diamantina; District of Córregos; Organ building in the 18th century.

INTRODUÇÃO: O ÓRGÃO DA IGREJA DE CÓRREGOS

Fundado por bandeirantes em 1702, o Distrito de Córregos pertenceu ao Serro até o ano de 1851, passando a ser distrito de Conceição do Mato Dentro. Situado em um vale de difícil acesso, no início de sua formação foi núcleo de mineração de ouro e diamantes. Córregos é uma das cidades históricas às margens da Estrada Real¹ e integrante do Circuito do

Ouro e dos Diamantes. Atualmente, possui ainda parte de seu casario colonial nas poucas ruas em volta da praça Matriz de Nossa Senhora Aparecida, que recebeu este nome por causa da lenda que diz que a imagem da santa apareceu no local. Além da Matriz, existe a Capela de Nosso Senhor dos Passos que fica no meio do cemitério local.

*Graduado em Música – Piano pela UEMG, especialização (Lato sensu) em Práticas interpretativas : Música Brasileira pela UEMG e mestrando pela Unicamp. E-mail: Handel_cecilio@hotmail.com.

¹ O termo Estrada Real se refere aos caminhos trilhados pelos colonizadores desde a descoberta do ouro em Minas Gerais até o período de sua exaustão. Eram as únicas vias autorizadas de acesso à região das reservas auríferas e diamantíferas da capitania das Minas Gerais. Os caminhos reais adquiriram, já a partir da sua abertura, natureza oficial. A circulação de pessoas, mercadorias, ouro e diamante eram obrigatoriamente feitos por eles, constituindo crime de lesa-majestade a abertura de novos caminhos. Ligava Diamantina ao litoral (Paraty e Rio de Janeiro), passando por todas as cidades do Circuito do Ouro e dos Diamantes.

Em 1745, foi construída uma nova capela em Córregos. A estrutura da matriz é toda em adobe e madeira. Foi reconstruída em 1872 e 1956. É um monumento tombado pelo IEPHA/MG.



Figura 1: A Matriz de Córregos

Em 1826, Córregos teve uma população de 821 pessoas. Atualmente tem aproximadamente 200 habitantes que se mantêm com atividade agrícola ou que trabalham em Conceição do Mato Dentro. Tradicionalmente religiosa, preserva até hoje seus eventos.

Somente uma quantidade abundante de ouro e diamantes poderia justificar uma igreja deste porte em um povoado tão pequeno, e conseqüentemente, uma atividade musical muito intensa. A existência de um órgão de tubos que tinha em seus puxadores de registros pedras preciosas se deve à riqueza advinda desta mineração. Este órgão, até então esquecido e considerado sem valor ou relevância por alguns, ressurgiu das cinzas para nos mostra aspectos técnicos do modo de construção desta época e região mas também, nos revelar histórias ou fatos até então desconhecidas por todos nós. Devido ao estágio embrionário de nossas pesquisas, pouco ainda sabemos sobre ele mas, muito já nos pode ser revelado.

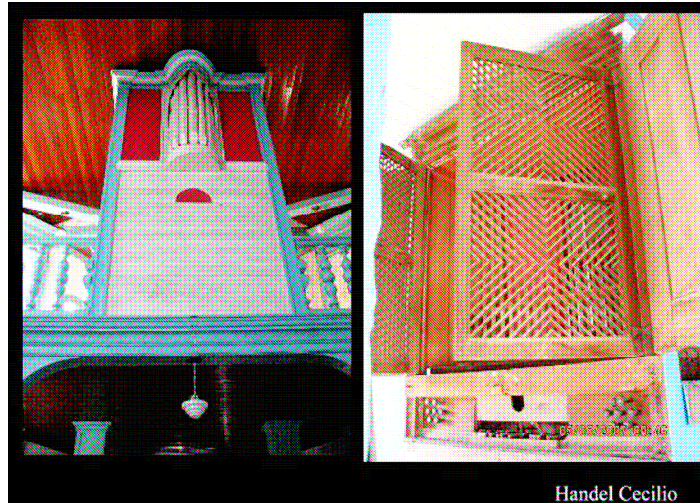


Figura 2: Fachada e consola do órgão de Córregos

1) INFORMAÇÕES BÁSICAS SOBRE OS TUBOS DE UM ÓRGÃO

- Existem 2 tipos de tubos: os flautados (labiais), que possuem uma sonoridade doce, e os de lingüeta (palhetas), que possuem uma sonoridade mais agreste. Podem ser abertos ou tapados, este último soando uma oitava abaixo. As formas são: cilíndrica ou cônica, secção circular ou retangular, estreita ou larga.

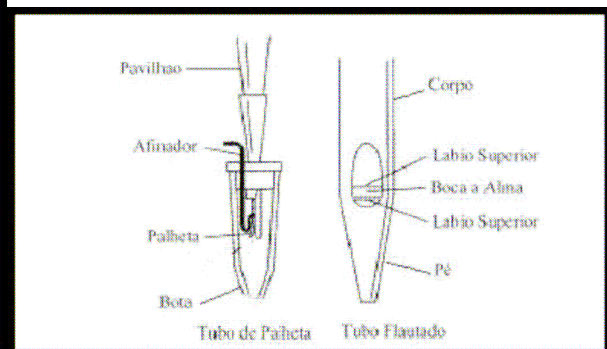
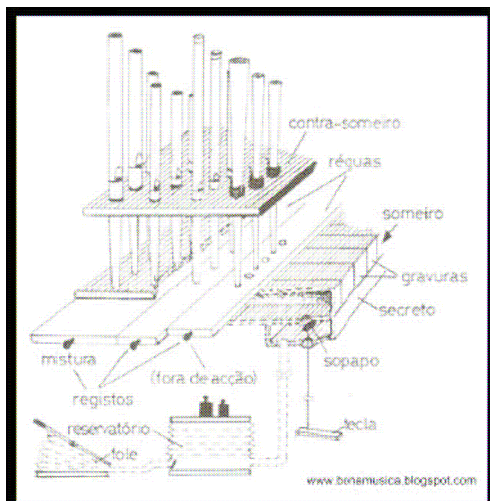


Figura 3: Diagrama de um órgão Figura 4: Os tubos flautados e de palhetas

- O tipo de material usado define o timbre e a sua qualidade. Podem ser de madeira ou de metal (puro ou liga). Neste último caso são usados: o zinco (em tubos mais largos), cobre, alumínio, chumbo ou estanho puros e ligas de

chumbo² e estanho³. Em uma liga com mais chumbo do que estanho, obtém-se um timbre mais escuro. Quando é usado mais estanho que chumbo, esta liga produz um timbre mais brilhante. No séc. XVIII era usada uma liga quase pura de estanho; uma das proporções mais usadas era de 80% de estanho e 20% de chumbo⁴. Em meados do séc. XIX, começou-se a usar ligas com outras misturas mais pobres que ajudavam a endurecer o material.

2) O ÓRGÃO DA MATRIZ DE CÓRREGOS

Não se sabe ao certo quem foi o construtor desse instrumento. Pensávamos inicialmente que teria sido obra de Pe. Manuel de Almeida e Silva mas, comparando as faturas de ambos instrumentos, podemos ver que são de construtores diferentes. O órgão de Córregos tem uma característica do século XVIII tardio, de época de construção posterior ao de Diamantina, pois não tem oitava curta⁵. Considerando-se também que no ano de 1788 existem mais de 6 missas registradas⁶ no Livro de Termos de Certidão de Missas Pelos Irmãos Falecidos (Igreja do Carmo de Diamantina) pela alma de Pe. Manuel de Almeida e Silva, ele nunca poderia ter sido seu construtor.

Não foi possível fazer um levantamento histórico do instrumento, pois muitos livros da Matriz estão desaparecidos. Suspeitamos ser manufatura de Francisco Leonardo Ramos, organeiro que consertou o órgão de Diamantina no início do séc. XIX. Em um dos tubos de Córregos existe uma assinatura com a mesma caligrafia das inscrições que ainda não foi

identificada, mas cujo primeiro nome parece ser “Francisco”.

É um órgão que originalmente possuía 329 tubos, sendo 235 de metal em liga de estanho e chumbo e 94 de madeira em cedro cheiroso. Seu teclado tem 47 notas⁷, sem oitava curta, começando pelo Dó₁ até o Sib₄. As teclas brancas são cobertas por peles de animais e as pretas são em braúna. Possui 7 puxadores de registros que,

²Chumbo é um metal que apresenta uma combinação de propriedades que o torna adequado para importantes aplicações: baixo ponto de fusão (327°C), baixa dureza e é bastante maleável. É quimicamente estável, resistindo à corrosão de diversos meios.

³Apresenta características parecidas com as do chumbo, mas o ponto de fusão é ainda mais baixo (232°C). Tem aparência de prata, é mole, dúctil, maleável, pouco tenaz.

⁴A título de exemplificação, o alemão Silbermann, um dos melhores representantes da organaria do barroco, utilizava nos tubos do Principal uma liga de mais de 90% de estanho, o que equivale a um timbre mais firme.

⁵A oitava curta: é encontrada na primeira oitava dos órgãos antigos até o séc XVIII. Tem razões na economia de material pois os tubos mais graves são maiores e gastam mais em sua fabricação. A forma mais usada é: a tecla Mi soando como Dó₁; o Fá# como Ré e o Sol# como Mi. As notas Fá, Sol, Lá, Sib e o Si não se alteram.

⁶Registradas no ano de 1788: pagina 51 e folhas 122, 134 e 182 até o ano de 1898.

⁷ Os órgãos ibéricos históricos têm geralmente um só manual, sem pedaleira, e o número de teclas é inferior ao dos órgãos modernos, tendo 45, 47 ou 54 notas.

segundo os atuais habitantes, teriam uma pedra preciosa (diamante ou água-marinha) incrustada em cada um deles. Tem o teclado partido com divisão entre o Lá₂ e o Sib₂, até agora considerado caso único. Considerando os dois maiores tubos encontrados, que medem 1,22 m de corpo, podemos concluir que se trata de um órgão de base 4^ª (quatro pés).

Tabela 1: medidas dos tubos maiores encontrados

Material do tubo	Medida do corpo	Medida do Pé	Diâmetro\Largura
Metal (chumbo e estanho)	1,22 m	0,17 m	Diâmetro: 8 cm
Madeira (cedro cheiroso)	1,22 m	0,13 m	Largura:7cm

Existe um fole interno, em forma de cunha, na parte inferior interna da caixa com alavanca lateral à esquerda da consola.

Quanto aos registros e tuberia constatamos:

- Um total de aproximadamente 118 tubos. Destes, estão íntegros 66 de madeira e 33 de metal. Os restantes podem ser recuperados e também existem muitas partes de tubos. Das palhetas, somente uma está completa, duas danificadas, várias peças das outras e muitas desapareceram por completo.
- Para o mecanismo dos puxadores até as régua, foi usado ferro batido.
- Não existe nenhuma indicação do nome dos registros. Na figura Nº 5, vemos a disposição dos puxadores registros em relação às fileiras dos tubos.
- Dois registros de madeira (cedro cheiroso): um aberto e outro tapado. São muito bem construídos, com cortes das peças bem precisos e proporcionando um perfeito encaixe. O acabamento externo da madeira é rústico.
- Quatro fileiras de tubos de metal bem torneados, liga de estanho e chumbo que provavelmente estão em proporção de 80% de estanho e 20% de chumbo. As soldas são todas bem feitas e com um acabamento muito bom, foram limadas dando uniformidade à peça. Tem o pé do tubo curto, como é próprio da estética de sua época. Podemos afirmar que são de extrema qualidade de manufatura.
- Estranhamente os registros 2 e 3 têm divisão diferente. O registro 2 reinicia entre o Si₂ e o Dó₃. O terceiro registro, tem divisão entre o Ré₃ e o Mi₃.
- Um registro de palheta que possivelmente era de 4^ª.

Figura 5: mapa dos puxadores



Tabela 2: Os registros

Número do registro	Tubos	Altura
7	Tubos de fachada de metal	4 ^ª
6	Tubos de madeira tapado	Em estudo
5	Tubos de madeira aberto	4 ^ª

4	Tubos de metal	Em estudo
3	Tubos de metal	Em estudo
2	Tubos de metal	Em estudo
1	Palhetas	4'

Nos tubos existem inscrições que possivelmente são de época com o nome da nota, número de seqüência na fileira e no verso, um número seguido de uma letra (ver figura 5). Ainda não conseguimos identificar o que sejam estes códigos que estão no verso, mas acreditamos ser uma identificação da fileira ou registro a que pertence.

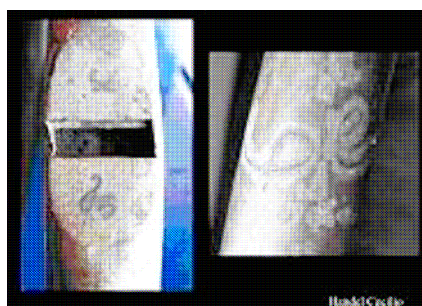


Figura 6: inscrições em um tubo de metal

Os tubos no someiro seguem um padrão de distribuição cromática, na seqüência natural da escala e na correspondência direta do teclado.

A fachada é formada por um canhão central composto por sete tubos decorativos, onde duas aberturas laterais revelam, pelo someiro, a inexistência hoje em dia de dois grupos de 8 tubos sonoros de metal em cada lado.

A caixa do órgão tem 3,80 m de altura, 1,98 m de largura e 1,02 m de profundidade. O teclado, em gaveta, fica a 1,50 m do piso. Para o organista se posicionar adequadamente existia um banco alto com o assento inclinado para frente. Os tubos estão protegidos por duas janelas, uma de treliça e uma externa toda fechada.

Sua última intervenção, em 1913, teve provavelmente os seus trabalhos realizados a partir do mês de julho. Nos vários fragmentos de jornais que encontramos, usados para vedação na reforma, estão datados de 1 e 20 de julho de 1913. No quadro a seguir, três referências à reforma confirmam a década acima mencionada, pelas inscrições encontradas no instrumento. A primeira ao lado esquerda da caixa⁸, a segunda no fole e a terceira no suporte dos tubos.

⁸Esta foi a primeira data encontrada e que a princípio nos levou a pensar como sendo 1915 mas, não passa de um erro de escrita.



Figura 7: inscrição datando a reforma

Não sabemos Sobre por quem essa reforma foi realizada. Temos pouca informação e tão somente os dados levantados em nossas primeiras viagens de pesquisa. Constatamos nesse instrumento que: o fole foi refeito sendo aumentado e foi usado tecido e não couro de animal; foram utilizados alguns parafusos em substituição aos pregos originais; foi trocado um dos suportes de madeira dos tubos e empregado jornal para vedar o fole e o secreto. Quanto aos tubos, parecem ser todos originais. A pintura externa da caixa é recente, a interna aparenta ser original.



Quadro 1: detalhes do órgão de Córregos

3) REALIDADE DOS TUBOS NO ÓRGÃO DE DIAMANTINA

No ano 1782, o padre organeiro Manuel de Almeida e Silva, presbítero do hábito de São Pedro, construiu um órgão para a Igreja de N. Sra. do Carmo de Diamantina. A

pintura e o douramento da caixa e do retábulo desse instrumento são obras do Mestre José Soares de Araújo. É um órgão com características bem peculiares.

Os tubos de madeira de Diamantina são de boa manufatura e uniformes. Todos foram aplainados perdendo a aparência rústica que já tiveram anteriormente. Os tubos abertos têm assinaturas que julgamos ser dos membros da Ordem que contribuíram para a construção do órgão. Muitos foram atacados por cupins⁹ em seu pé, que aparenta ser de um tipo de madeira diferente da usada no corpo, o cedro cheiroso.

Em agosto de 2004, quando fazíamos o levantamento sobre o órgão de Diamantina, percebemos que alguns dos tubos de metal eram bastante maleáveis. O material empregado não tinha a mesma resistência mecânica de uma boa liga de chumbo e estanho. Parecia-nos claro que eles eram apenas de chumbo ou com pouca proporção de estanho, o que não era comum para a estética da época da construção desse instrumento. Os livros de despesas da Ordem citam a compra das mesmas quantidades ou proporções de chumbo e estanho para a construção do órgão. Em recente pesquisa investigativa, efetuamos uma busca minuciosa e criteriosa em todos os tubos do órgão de Diamantina. Fizemos um novo levantamento sobre a tuberia do instrumento desde as palhetas aos tubos da fachada. Verificamos que, em seu aspecto geral, os

tubos de metal desse instrumento são muito diferentes entre si, mesmo dentro de uma mesma fileira de registros. Não existe uniformidade principalmente no material ou na liga usados. Têm texturas as mais diversas, são de ligas e materiais muito diferentes e vários deles estão danificados.

O mais impressionante de tudo foi termos encontrado algo incomum em vários tubos. Alguns deles tinham o corpo do tubo bastante maleável e seu pé bastante rijo, e em outros, o inverso. São, nitidamente, ligas completamente diferentes. Percebemos que eram os resultados da junção das partes de dois tubos de textura e construção distintas. A solda de alguns tem bom acabamento, em outros não. Aparentam ser originados de instrumentos em nada semelhantes. Outros são de uma liga tão estranha que parecem ser feitos de uma espécie de folhas de flanders mais espessa. Precisam ser segurados com muita leveza, pois podem ser amassados com extrema facilidade.

Curt Lange (1956) narra: “Pelo visto, é de liga bastante rica em estanho e a qualidade das soldas é correta. Os tubos de madeira são de boa qualidade”.¹⁰ Contudo, nos questionamos quais os critérios que levou Lange a esta afirmação, considerando a realidade dos tubos hoje ali existentes. Imaginamos que ele não tenha examinado todos os tubos e que realmente não tenha se aprofundado na análise do órgão. Segundo nos relatou recentemente Assis Horta – que forneceu a Curt Lange toda a sua vasta pesquisa nos livros da Ordem do Carmo e contribuindo com cópias desses mesmos livros – ele ficou na igreja, em sua companhia, por apenas cinco dias.

A qualidade de fabricação ou o material usado nos tubos difere de um padrão adequado. Sua grande maioria não consegue ficar verticalmente em pé, precisando sempre ser consertados. Os livros de despesas da Ordem do Carmo já registravam em 1791-1792: “soldar os canudos do órgão e endireitá-los”. Isto demonstra que havia problema nas emendas dos tubos e também para permanecerem em posição vertical,

⁹A própria caixa do órgão está seriamente comprometida por este mesmo motivo.

¹⁰Ver referências bibliográficas: História da música na capitania das Minas Gerais.

devido à liga usada. Em 1838-1839, novamente houve intervenção nos tubos necessitando a compra de chumbo e estanho na mesma proporção.

Segundo registros nos livros da Ordem e como vemos hoje no instrumento, os foles sempre foram considerados um problema. De fato, era o mais constante, mas não o único. Fazemos aqui um quadro comparativo dos serviços de manutenção nos foles e nos tubos.

Tabela 3: intervenções no período de 1785 a 1839

Data	Manutenção nos foles	Manutenção nos tubos de metal
1785-1786	Pelica para conserto (vedação)	-X-
1788-1789	um fole que não serviu	-X-
1791-1792	Couro de veado para conserto dos foles	Soldar e endireitar os canudos
1803-1804	Reforma dos foles	-X-
1804-1805	Reforma dos foles	-X-
1811-1812	-X-	Afinação do órgão por Francisco Leonardo Ramos
1815-1816	Conserto: Francisco Leonardo	Conserto: Francisco Leonardo Ramos
1824-1825	Conserto: Francisco Leonardo	Conserto: Francisco Leonardo Ramos
1826-1827	Conserto dos foles	-X-
1838-1839	-X-	Estanho e chumbo para os tubos

4) MAIS ALGUMAS DESCOBERTAS RECENTES EM DIAMANTINA

Em continuidade às nossas pesquisas conseguimos mais informações sobre o órgão do Carmo de Diamantina. Os documentos da reforma de 1940¹¹ muito nos ajudaram e nos deram pistas por onde e o que procurar. Citamos a seguir algumas descobertas:

- a) Tampa da caixa do teclado: nestes documentos, era citada no orçamento a reforma da caixa do teclado, mas sempre vimos somente o teclado que não estava em uma caixa. Encontramos então uma tampa que, juntamente com o suporte do teclado, formam uma caixa como mostra a figura a seguir.

¹¹ Em 1940, o órgão do Carmo passou por uma reforma que foi realizada por Anísio dos Santos e Eugenio Viana. O instrumento funcionou por aproximadamente mais 10 anos e está sem uso até hoje. Existe um projeto de restauro já aprovado pela lei Rouanet. A Mitra Arquidiocesana de Diamantina é a proponente e tem o apoio da Associação de Amigos do Órgão Lobo de Mesquita.



Figura 8: a caixa do teclado

b) A disposição dos tubos¹²: segue um padrão de distribuição diatônica da oitava no someiro. A primeira nota de cada oitava é colocada à direita e a seguinte à esquerda, mantendo-se esta seqüência nas notas, de tom em tom. Segundo os padrões da organaria ibérica, esta disposição está esteticamente correta. Conseqüentemente, a tábua de redução não foi reordenada como se acreditava. A figura a seguir mostra a correspondência das teclas em relação aos tubos no someiro em cada oitava, comprovando esta afirmação.

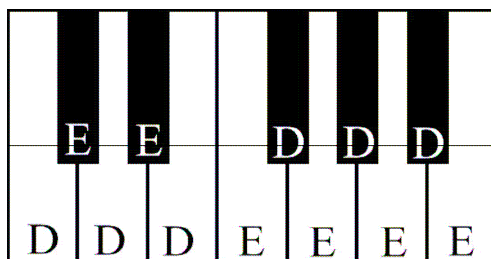


Figura 9: D = à direita no someiro - E= à esquerda

c) O posicionamento dos foles: nos livros da ordem (1888-1889) lemos: “pg. [pagamento] de madeiras precisas (sic) pa a caixa do órgão e coro e caza (sic) [casa] do fole”. Neles há uma citação de que a “caza” dos foles possuíam portas pois os mesmos costumavam fazer ruídos. Assim, podemos levantar duas hipóteses:

- (1) Poderiam estar os foles externos ao órgão em uma “caza” com portas? Encontramos à direita da consola uma abertura lateral quadrada, do tamanho de um condutor de ar e que atualmente está tapada.

¹²Existem várias formas de dispor os tubos no someiro: Cromática, os tubos seguem em série cromaticamente, de ½ tom em ½ tom; Diatônica, os tubos estão dispostos à esquerda e à direita, seguindo-se de tom em tom. Poderíamos dizer que é uma disposição estereofônica.

Existem outras disposições, mas normalmente elas só servem para os tubos maiores, a fim de se poder aproveitar melhor o espaço interior do órgão.

- (2) Estariam eles colocados internamente na caixa do instrumento?
Inusitadamente existem duas portas em baixo do teclado.
- d) O material das teclas: no orçamento fala-se em limpeza de teclados de marfim mas, o que está atualmente no instrumento aparenta ser de material plástico. Vianna era especializado na manutenção de pianos e proprietário de uma fábrica de montagem deste mesmo instrumento em Belo Horizonte.
- e) Identificação de inscrições nos tubos: Alguns tubos têm inscrições antigas que aparentam ser do séc. XVIII, outros, nada além de números de uma ordem que não faz sentido considerando-se 61 tubos por fileira (ver figura 6).



Figura 10: inscrição nos tubos (Diamantina)

- f) O material dos tubos do canhão: Os sete tubos sonoros do canhão da fachada são de zinco. Encontramos um carimbo em um dos tubos com as seguintes inscrições: VIEILLE * MONTAGNE * LIÉGE – 9 T
A mina belga de zinco Vieille Montagne¹³ foi aberta em 1805 e produziu chapas de zinco até sua exaustão em 1885. Logo, deduzimos que estes tubos provavelmente foram trocados em uma de suas intervenções no séc. XIX. Supomos que tenha sido no período entre os anos de 1838-1839.

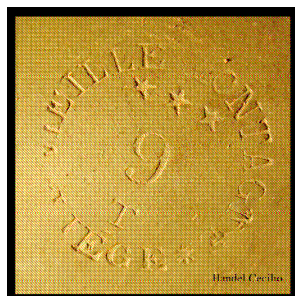


Figura 11: Carimbo Vieille Montagne

5) A REFORMA DE 1940

Em fevereiro de 1940, incentivado por Assis Horta, Anísio dos Santos¹⁴ auxiliado por Eugênio Vianna, propõe um orçamento de reforma geral do órgão (mudo há 30 anos)

¹³Esta mina se localizava na cidade de Kemis, que fica entre Liège e Aachen na Bélgica.

¹⁴Segundo comentário feito em uma das cartas do conjunto de documentos da reforma de 1940, o Sr. Anísio dos Santos havia reformado na Bahia o órgão da Igreja da Conceição da Praia em Salvador.

à Ordem do Carmo em Diamantina. Aceita a proposta, é firmado o contrato em 21 de maio e ao final do mesmo mês começam os serviços de reparo que somente terminaram em 30 de outubro, sendo feitas a entrega e as vistorias do órgão em 5 de novembro desse mesmo ano.

Lendo e analisando o orçamento, o contrato, os laudos de vistoria da execução do serviço, as cartas e recibos relativos à reforma, várias dúvidas e questionamentos foram surgindo. Dentre eles destacamos:

- o uso de materiais tais como papelão e barbante para completar e afinar os tubos – materiais que nunca poderiam ser usados em um órgão para este fim;



Figura 12: complementos de papelão e barbante

- a solda da grande maioria dos tubos foi refeita grosseiramente, sem ter dado um bom acabamento. Em alguns dos tubos, a solda foi feita sem aparentemente necessidade, talvez para justificar o orçamento proposto. Em outros, assemelha-se a um “quelóide”. Em alguns tubos encontramos anéis de liga de metal que foram colocados para modificar a afinação - estas soldas estão bem feitas. Não sabemos em qual das intervenções esse trabalho foi realizado, mas não cremos que tenha sido na de 1940.
- Segundo o orçamento, o órgão era composto por 12 registros e um total de 732 tubos¹⁵, quando atualmente são 9 registros e 549 tubos. A caixa e o someiro desse instrumento comportam exatamente essa quantidade de tubos. Nesse mesmo documento, consta: “Reconstrução da caixa externa [do órgão] corrigindo os rachões, fendas etc que sejam prejudiciais (sic) aos sons; recomposição... não tocando na pintura frontal da citada caixa.”¹⁶. Chegamos a imaginar que a caixa do instrumento era maior e na intervenção teria sido reduzida, seu someiro¹⁷ modificado, diminuindo para nove o número de seus

¹⁵ Esta mesma quantidade de tubos e registros é confirmado em laudo do próprio responsável pela vistoria do serviço.

¹⁶ CONTRATO..., maio de 1940. Alínea a) página 1.

¹⁷ Someiro: parte do órgão que fica abaixo dos tubos onde ficam canaletas que correspondem a cada nota do teclado e as réguas que abrem os registros. A mecânica de um órgão <http://pipedreams.publicradio.org/articles/howapipeorganworks.shtml> pode ser visto no site: <http://bonamusica.blogspot.com/2006/07/sobre-o-rgo.html>

registros. Contudo, Assis Alves Horta – que acompanhou toda a obra e foi nomeado em contrato por Anísio Santos como seu representante ou fiscal durante o período dos 5 anos da garantia – nos afirmou que o órgão sempre teve 9 registros e 549 tubos. Declarou ainda que no fechamento do contrato não foram conferidos aqueles números e, simplesmente confiou-se no levantamento feito por Anísio dos Santos.

6) A LIGAÇÃO ENTRE OS ÓRGÃOS DE CÓRREGOS E DE DIAMANTINA

O fato que mais nos intrigou está narrado no relatório dirigido à Ordem do Carmo em 29 de outubro de 1940. Nele, o secretário e fiscal dos serviços João Antonio Motta relata algo aparentemente não digno de interesse, mas que nos levou a uma suspeita sobre um ato que poderia ter sido praticado durante os serviços prestados por Anísio dos Santos. Assim comenta João Motta:

Nos últimos dias do mez (sic) de Maio, o snr Anísio Santos iniciou os trabalhos e em meados (sic) do mez (sic) de Junho, paralisou os serviços e sem nenhum entendimento comigo ou com o prior da Ordem ou comigo, viajando para Conceição do Serro, ficando assim interrompidos os trabalhos pelo espaço de vinte dias mais ou menos; em fins do mez (sic) de Junho foi reiniciado o serviço e nesse novo período... (MOTTA, 1940 p. 1)¹⁸.

Primeiramente consideramos ser estranho o serviço ter começado, e logo ser interrompido por aproximadamente 20 dias. Como visto acima, Anísio Santos viajou e voltou sem dar satisfação ou fazer qualquer comentário oficial à Ordem do Carmo. Atualmente não existe na região nenhuma cidade chamada Conceição do Serro¹⁹ mas, o nome “Conceição” nos chamou a atenção. Pesquisando este nome, descobrimos que até 1943 a atual cidade de Conceição do Mato Dentro se chamava Conceição do Serro. Sabendo-se que o Distrito de Córregos se localiza a 21 km de Conceição do Mato Dentro, levantamos a hipótese de Anísio dos Santos ter na realidade visitado esse Distrito.

Para comprovar esta hipótese, fomos ao Distrito de Córregos no início de maio de 2007 a fim de pesquisar mais sobre o órgão e investigar a possível ida de Anísio dos Santos a Córregos em 1940. Procuramos por pessoas na cidade que viveram nessa época. Muitas já morreram ou se mudaram da cidade. Não havia nenhuma testemunha para nos relatar alguma informação. Enquanto examinávamos e catalogávamos os tubos, achamos em um dos últimos uma inscrição a lápis com o nome “Eugênio”. Comparando-a com a assinatura nos documentos da reforma de 1940, vimos a grande similaridade de suas caligrafias.

Considerando-se a quantidade de tubos que restaram em Córregos e que o maior deles tem 1,22m e um peso razoável – devido à liga de chumbo e estanho – eles não

¹⁸ 18 Relatório da fiscalização dos concertos do órgão. Propriedade da Ordem do Carmo de Diamantina.

¹⁹ Em 1702, o sertanista Gabriel Ponce de Leon ao se deparar com a riqueza da região - que de uma só bateada retirou cerca de 20 oitavas de ouro - ergueu uma pequena capela em homenagem à Nossa Senhora da Conceição, iniciando o processo de povoamento. Em 1851 foi emancipada com a denominação de Conceição do Serro.

teriam sido levados por turistas (que são muito poucos), mas sim, por alguém com condições de transportá-los. Sobre isto, Assis Horta declarou em nosso último contato que, quando Anísio dos Santos – que ficara hospedado no hotel de sua família em Diamantina durante todo o período dos trabalhos – voltou desta viagem, o recepcionista²⁰ comentou que as malas dele estavam demasiadamente pesadas. Depois de um tempo, ficou-se sabendo através do Pe. Antonio Cecílio Pedro de Alcântara, pároco de Córregos, que Anísio dos Santos estivera por lá visitando o órgão e que soubera da existência do mesmo através de um morador da cidade de Córregos que estava no Mercado de Diamantina.

CONSIDERAÇÕES E CONCLUSÕES FINAIS

Uma análise grafotécnica está sendo realizada por um perito para avaliar se a inscrição encontrada no tubo em Córregos foi realmente feita pelo Eugênio Viana. Desta forma poderemos comprovar a presença de não somente Anísio dos Santos, mas também de Eugênio Vianna²¹ em Córregos nesta época e as suspeitas acima levantadas.

No orçamento feito por Anísio dos Santos é colocado que o órgão de Diamantina estava com 50% das flautas perfeitas, 30% precisando de conserto e 20% estragadas e que seriam substituídas por novas.

Somando-se a isto todos os fatos que relatamos anteriormente, observamos que:

- Existem vários tubos em Diamantina com pé e corpo de ligas diferentes e que este material mais resistente é idêntico ao dos tubos de Córregos;
- No relatório da reforma de 1940, João Antonio Motta menciona: “...eu reclamava a falta de chumbo laminado para a confecção (sic) das flautas faltosas e para o concerto (sic) das que estivessem defeituosas”;
- Segundo nos relatou Assis Horta: Anísio dos Santos não construiu nenhum tubo durante toda a reforma. Ele apenas consertou os que estavam estragados²².

Sendo assim, supomos que alguns tubos do órgão da Matriz de Córregos foram levados em 1940 para Diamantina e hoje poderão ser parte de alguns dos tubos do órgão da Igreja do Carmo.

Amostras dos tubos de ambos os órgãos estão sendo analisadas no laboratório do Instituto de Química da Unicamp para uma comparação e comprovação científica das ligas. Nos primeiros resultados foi constatado que o material dos tubos de Córregos e o dos tubos que suspeitávamos de Diamantina são os mesmos. Considerando que a grande maioria dos tubos originais do órgão de Diamantina tem uma liga muito pobre em estanho e rica em chumbo, comprovamos que partes dos tubos do órgão de Córregos hoje são parte dos tubos de Diamantina.

²⁰ Segundo Assis Horta, o recepcionista se chamava Esmeraldo.

²¹ Segundo Assis Horta, Eugênio Vianna deixou os trabalhos algum tempo depois.

²² Relatado em entrevista em sua residência. Belo Horizonte, maio de 2007.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS:

ARQUIVO DA ORDEM TERCEIRA DE N. S. DO CARMO DO ARRAYAL DO TIJUCO.
Livro 2 da Despeza - Carmo. Diamantina, 1785.

AUDSLEY, George Ashdown. The Art of Organ-Building. Vols. I e II. Dover Publications, Inc.: New York, 1905

_____. Organ-Stops and Their Artistic Registration: Names, Forms, Construction, Tonalities and Offices in Scientific Combination. The H. W. Gray Co.: New York, 1949.

BAKER, David. The Organ, 3ª Ed. Shire Publications Ltd: Great Britain, 1993.

DICKSON, W. E. Pratical Organ Building. 2ª ed. Bardon Enterprises: Portsmouth, 1997.

GOODE, Jack C. Pipe Organ registration. Abingdon Press: Nashville, 1964.

KLOTZ, Hans. The Organ Handbook – Structure, Design, Maintenance, History and Function Of The Organ. 7ª Ed. Concordia Publishing House: St. Louis, 1969.

LANGE, Francisco Curt. História da música na capitania das Minas Gerais. Vila do Príncipe do Serro do Frio e Arraial do Tejuco. História da Música na Capitania Geral das Minas Gerais, v. 8. Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura.

MORAIS, Geraldo Dutra. História de Conceição do Mato Dentro, Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura, 1942.

NILAND, Austin. Introduction to the Organ. Faber and Faber Ltd: London, 1968.

OWEN, Barbara. The Registration of Baroque: Organ Music. Indiana University Press: Bloomington, 1997.

RIEMANN, Hugo. Manual Del Organista. 5ª Ed. Barcelona: Editorial Labor, 1929.

SILVA, Nuno Alexandrino. A Arte Organística e a Organaria Ibérica no contexto português: Contributo para a valorização de um património. Monografia de curso. Escola Superior de Música de Lisboa. Avança, 2002.

WILLIAMS, Peter e OWEN, Barbara. The Organ – The New Groves Musical Instruments Series. W. W. Norton & Company: London, 1984.

WILLIAMS, Peter. The European Organ: 1450-1850. B T Batsford Ltd: London, 1968.